

PORTUGAL NO BRASIL (1951): REGIÕES BRASILEIRAS NO OLHAR DA EMBAIXADA UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA

Élio Cantalício Serpa
Professor Associado da UFG
Doutor em História Social pela USP
ecserpa@gmail.com

José Adilçon Campigoto
Professor Adjunto da UNICENTRO
Doutor em História Cultural pela UFSC
ja.cam.pi@hotmail.com

Resumo: No início da década de 1950 foi constituída a Embaixada Universitária de Coimbra para visitar o Brasil. Entre outros objetivos, tratava-se de perceber (e demarcar) a presença portuguesa neste lado do Atlântico. Mais amplamente, a finalidade implicava sedimentar 'a consciência da grandeza histórica de Portugal'. Os objetivos, bem como o desenrolar das atividades, encontram-se no relatório publicado em 1953. Esse mesmo relatório foi novamente editado em 1954, 3º Centenário da Restauração de Pernambuco. Utilizando-se do conceito de região, esse relatório dividia o Brasil em dois grandes territórios: o da igualdade/identidade com Portugal e o da diferença. Pressupomos que tal olhar estava profundamente marcado pela cultura histórica e política salazarista, portanto numa perspectiva avessa ao modernismo. Tentaremos compreender a seleção das pressupostas diferenças, mas também, perceber questões políticas presentes na observação das assim consideradas expressões da 'lusitanidade' e, por fim, identificar esse olhar que nos parece matizado pela cultura histórica. Assim, vamos percorrer o relatório elaborado pelo reitor Maximino Correia, professor da Faculdade de Medicina da instituição coimbrã, seguindo sua organização, porém, selecionando informações.

Palavras-chave: história da historiografia, Brasil, Portugal, lusitanidade

Abstract: In the early 1950s, the University Embassy of Coimbra was established to visit Brazil. Among other objectives, it was about perceiving (and demarcating) the Portuguese presence on this side of the Atlantic. More broadly, the purpose implied to consolidate 'the awareness of the historical greatness of Portugal'. The objectives, as well as the activities, are found in the report published in 1953. This same report was again published in 1954, the 3rd Centenary of the Restoration of Pernambuco. Using the concept of region, this report divided Brazil into two major territories: that of equality / identity with Portugal and that of difference. We assume that such a view was deeply marked by Salazar's historical and political culture, therefore in a perspective averse to modernism. We will try to understand the selection of the presupposed differences, but also, to perceive political issues present in the observation of the so-called expressions of 'lusitanity' and, finally, to identify this look that seems to us nuanced by historical culture. Thus, we will go through the report prepared by Dean Maximino Correia, professor at the Faculty of Medicine of the Coimbra institution, following his organization, however, selecting information.

Keywords: history of historiography, Brazil, Portugal, Lusitanism

Agora é oficial! O **Ano Brasil-Portugal** começou, e para celebrar esse momento tão especial para as duas nações, o ator **Ricardo Pereira** foi convidado pela Rede Globo e a Globo Internacional para gravar a campanha que convida todos a se “redescobrirem”. O filme publicitário tem o ator português acompanhado de sua esposa, **Francisca Pinto e Vicente**, o filho brasileiro do casal. Enquanto o casal fala, as bandeiras dos dois países se unem ao fundo. Ricardo encerra o filme dizendo: “**A hora da gente se redescobrir é agora.**” O filme publicitário será veiculado no Brasil e na Globo Internacional, a partir de hoje, dia 07/09, **Independência do Brasil**.¹

Este anúncio foi publicado no site do Ministério da Cultura do Brasil, em 07 de setembro de 2012. Ali, encontravam-se outros escritos versando a respeito de (re) descoberta, de identidade e de diversidade. Digamos haver certo apelo à união, no sentido de ‘novamente descobrir’. A data escolhida para a divulgação do reclamo não foi a que comemoramos o descobrimento do Brasil (22 de abril). Seria o esperado, uma vez que se trata de redescobrir. O dia 7 de setembro, porém, é data alusiva à independência, podendo ser considerado como ocasião emblemática para o desenvolvimento do tema unidade luso-brasileira. Inversamente, no entanto, a efeméride pode evocar episódios de tensão vivenciados, por longos anos, e detectáveis no âmbito da língua, da literatura e da história desses países em questão. A escolha do dia da independência do Brasil para lançar propaganda em prol da união entre os dois países implica certa antítese, senão algum paradoxo. Vejamos mais detidamente...

O ‘Ano do Brasil em Portugal’ iniciou-se a 21 de setembro de 2012 e estendeu-se até junho de 2013. A pretensão dos organizadores do evento, segundo Antônio Grassi,² consistia em apresentar uma versão moderna de Brasil aos portugueses. Os cidadãos de Portugal, no dizer dos organizadores, teriam a oportunidade de ‘constatar’ a heterogeneidade timbrada e plastificada por meio das *‘diversas regiões brasileiras’*.

Este enunciado nos parece insólito porque, sendo “*A hora da gente se redescobrir... agora*” não caberia um convite a conhecer, a aproximar-se, a

¹ [http://www.cultura.gov.br/site/2012/09/21/comeca-o-ano-do-brasil-em-portugal/Acesso 06/11/2012](http://www.cultura.gov.br/site/2012/09/21/comeca-o-ano-do-brasil-em-portugal/Acesso%2006/11/2012).

² Antônio Grassi, ator brasileiro, executivo da TV Brasil. Foi secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e diretor do Teatro Municipal daquela cidade. Esteve à frente da Funarte, órgão do Ministério da Cultura do Brasil (2011 a 2013); coordenou o Ano do Brasil em Portugal.

comunicar-se com a diferença. Do contrário, será forçoso partir do princípio o verbo redescobrir vincula-se a alguma diferença parcial e a certo desconhecimento relativo. Mesmo assim e talvez por conta disso mesmo, a tal diversidade brasileira seria estampada nos espetáculos de música, na gastronomia, nas produções cinematográficas e teatrais, nos livros, nas esculturas e pinturas, na dança e na economia criativa. Supomos que tais aspectos eram considerados, pelos organizadores, como a parte não conhecida, diferente ou desigual. Quiçá fosse o que se avaliava como a versão moderna do Brasil... Mas Portugal também seria mostrado aos brasileiros.

Nas palavras de Miguel Horta e Costa, o presidente da Fundação Luso-Brasileira e Vice-Presidente do Espírito Santo *Investment Bank*, a pretensão dos portugueses envolvidos no evento consistiria em incrementar a imagem de Portugal no Brasil, isto é, apresentar aos brasileiros um país novo, jovem e criativo. Seja como for, tais flertes transoceânicos não seriam sustentavelmente classificados como novidades históricas.

No início da década de 50, por exemplo, fora constituída a 'Embaixada Universitária de Coimbra' para visitar o Brasil.³ Entre outros objetivos, tratava-se de perceber (e demarcar) a presença portuguesa neste lado do Atlântico. Mais amplamente, a finalidade implicava sedimentar 'a consciência da grandeza histórica de Portugal'.⁴ Os objetivos, bem como o desenrolar das atividades, encontram-se no relatório publicado em 1953. Esse mesmo relatório foi novamente editado em 1954, 3º Centenário da Restauração de Pernambuco.

Esta viagem feita pela Embaixada Universitária de Coimbra ao Brasil, em 1951, foi coordenada pelo reitor Maximino Correia, professor da Faculdade de Medicina da instituição coimbrã. Seu reitorado se estendeu desde 1943 a 1960 e, segundo Luís Reis Torgal, caracterizou-se pelo modo peculiar de diálogo com os

³ "Em 1941 Portugal enviou para o Brasil uma "Embaixada Extraordinária ao Brasil", como forma de retribuir a participação brasileira nas comemorações nas comemorações portuguesas de 1940. A embaixada era chefiada pelo escritor Julio Dantas, antigo presidente da Comissão dos Centenários e presidente da Academia Portuguesa das Ciências. Da embaixada fez parte Marcello Caetano, futuro Presidente do Conselho, então Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa". PAULO, Heloisa. Os tempos das trocas: os caminhos comuns de Portugal e Brasil (1922-1960). In: LESSA, Carlos. Org. *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Record, 2002, p.282.

⁴ CORREIA, Maximino. Viagem ao Brasil da Embaixada Universitária de Coimbra. Relatos, Comentários, Discursos. Revista Brasília. Coimbra. Vol XVIII, 1953

estudantes numa atitude paternalista e persuasiva. Para Torgal, o reitor era fiel ao salazarismo e aos seus princípios ideológicos.⁵

Maximino afirmou, por meio do jornal *Diário da Manhã*, na ocasião dos festejos alusivos ao dia de Camões, em 1957, que o autor de *Lusíadas* e o líder político Salazar foram os dois estudantes mais célebres que passaram pela Universidade de Coimbra.⁶ A assertiva, a nosso ver, vincula Maximino aos ideais do político e mais ainda a suas ações, uma vez que durante o governo de Salazar foi empreendida a reformulação do espaço ocupado pela Universidade. Tal reordenação implicou o deslocamento da população para outros locais da cidade e a destruição de ruas para a construção de novos prédios cuja arquitetura, segundo Torgal, era monumental, provocando efeitos de poder e inspirada em reformas feitas na Itália de Mussolini e na Espanha de Franco.⁷

Durante o reitorado de Maximino, o Brasil estava, supostamente, representado na Universidade de Coimbra pelo IEB (Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra). O Instituto era responsável pela publicação da revista *Brasília* no período de 1942 até 1968, tendo como um dos pressupostos de atuação “*ver o outro nos próprios olhos*”.⁸ O IEB constituiu-se como um dos lugares a partir dos quais Portugal poderia ‘olhar o Brasil’, incrementando políticas culturais afirmativas e justificantes a respeito de certo passado comum, muitas delas materializadas no Acordo Cultural estabelecido no ano de 1940. A difusão, para o Brasil, da tradição universitária coimbrã e a referência a seu papel na formação das elites brasileiras pode ter sido o *leitmotiv* do IEB. Parece-nos muito lógico que essas ações desenvolvidas no sentido de propagar a notoriedade e o papel civilizador da Universidade, ao longo de sua existência, coadunavam com a cultura política salazarista. Esta Universidade desempenhou papel fundamental na difusão do ideário colonialista, filosofia assentada nos pressupostos da “política do espírito” e da constituição do Quinto Império. Assim, o futuro previsto (Quinto Império) norteava o sentido do presente e, também, do passado, retroalimentado a convicção de que algum futuro grandioso estava por vir.

⁵ TORGAL, Luís Reis. *A Universidade e o Estado Novo*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p. 142.

⁶ Idem, p. 144

⁷ Idem, p. 137

⁸ FIGUEIREDO, Mário. Apresentação. *Revista Brasília*, Coimbra, Instituto de Estudos Brasileiros/Faculdade de Letras, v. I, p. 4, 1942.

A linha predominante no discurso do IEB implicava realçar as glórias da Universidade de Coimbra como entidade difusora de conhecimentos e como lugar em que muitos brasileiros se constituíram intelectualmente. Nesse sentido, foi publicado um volume especial da revista *Brasília*, arrolando uma série de nomes de brasileiros que tiveram sua formação ali concluída.

O Brasil, nesse discurso, ocupava uma posição especial: a partir deste lugar o “filho dileto”, como financiador do referido Instituto, dava visibilidade à sua produção intelectual, constituindo um ambiente favorável para que setores da intelectualidade brasileira se projetassem além de suas fronteiras. Para Portugal, representava o espaço em que era satisfeita a “*necessidade de aumentar e dirigir melhor a ação cultural brasileira exercida entre nós*”.⁹

Além do tomo acima mencionado, também veio a público o volume VIII (1953), contendo o relatório de uma excursão feita ao Brasil no ano de 1951. O texto fora produzido pelo Reitor Maximino Correia, coordenador da viagem da Embaixada Universitária de Coimbra ao Brasil. Ali, em 311 páginas, com riqueza de detalhes, estão presentes relatos do trajeto desde a saída, até o retorno a Portugal. Visitaram o Rio de Janeiro e São Paulo, além de algumas cidades do interior destes estados. Estiveram na Bahia, em Alagoas e em Pernambuco. O relator registrou, também, discursos feitos por brasileiros, correspondências recebidas e artigos de jornais brasileiros contendo saudações à presença da embaixada.

Partimos do pressuposto de que os propósitos definidos pela Embaixada, de perceber (e demarcar) a presença portuguesa neste lado do Atlântico e de sedimentar ‘*a consciência da grandeza histórica de Portugal*’, vinculam-se ao tema da redescoberta e ao objetivo adotados pelos organizadores do Ano Brasil-Portugal, quer seja, apresentar nosso país aos portugueses por meio das ‘*diversas regiões brasileiras*’ e, ao mesmo tempo, mostrar aos brasileiros um Portugal novo. Mas parece-nos haver um ponto fundamental de disjunção: os organizadores do evento de 2013 pretendiam mostrar certa versão moderna do Brasil e criativa de Portugal, o que seria paradoxal, considerando-se que o reitor relator da visita realizada pela Embaixada ‘*era fiel ao salazarismo e aos seus princípios ideológicos*’.

Neste artigo, não tentaremos evidenciar tais vínculos e sim perceber o uso de certos conceitos, entre eles, os de identidade e diversidade, semelhanças e

⁹ REVISTA BRASILIA. Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de Coimbra, vol. I, 1942, p. 749.

diferenças os quais sintetizaremos recorrendo à noção de região. Resumidamente, entendemos que região é recurso interpretativo, termo usado para a compreensão das espacialidades¹⁰ sendo igualmente, espaço praticado ¹¹ mas definido por fronteiras permeáveis e mutantes.

Por um lado, região é termo que aparece, expressamente, nos textos dos organizadores do Ano do Brasil em Portugal, com o escopo de realçar os aspectos modernos do Brasil. Por outro, nos parece ser utilizado como categoria analítica, ainda que de forma não declarada, no relato da Embaixada e no caso, detratando as aparências modernistas encontradas em território brasileiro. Procuramos, então, investigar o modo pelo qual o relator da viagem da Embaixada Universitária de Coimbra utilizou-se deste ‘ferramental’ para descrever o Brasil, relatar sua viagem e das crises políticas vivenciadas em Portugal, afirmando para dentro e para fora a existência de uma identidade cultural e política. Dizemos para dentro e para fora porque o peso político do enorme contingente de portugueses residentes no Brasil,¹² o papel do Brasil diante da crítica avassaladora ao colonialismo português e as instabilidades apresentadas no governo de suas colônias requeria uma ação concreta de visibilidade de Portugal no Brasil. Demandava atuação que demonstrasse as afinidades e a valorização da presença do legado cultural português no Brasil.

Enfocamos quase que exclusivamente o relato da visita da Embaixada, seguindo seu caráter linear porque, nele, o posicionamento frente à modernidade e à tradição encontra-se diluído, embora esteja localizado, plastificado e concretizado em muitos daqueles aspectos que os organizadores de ano do Brasil em Portugal destacariam posteriormente. Referimo-nos aos ambientes dos espetáculos de música, da gastronomia, das produções cinematográficas e teatrais, dos livros, das esculturas e das pinturas, da dança e outros.

Talvez pudéssemos, inicialmente, averiguar o motivo pelo qual a comitiva de estudantes que visitou o Brasil se chamou “embaixada”. Vale lembrar que o

¹⁰ No sentido do Alfred Schultz refere às províncias de significado. Ver. SCHULTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2012. p. 277.

¹¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vol.01. Tradução de Ephraim Pereira Alves. Petrópolis: Vozes. p.200.

¹² Sobre esta questão ver: PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal. A colônia portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra: Editora Quarteto, 2000.

termo embaixada guarda semelhanças com o organismo existente ainda hoje (embaixadas), criado pelos países para fazer-se representar em outras nações. O reitor da Universidade de Coimbra estava presente e coordenava o grupo de visitantes.

As embaixadas têm a finalidade de afirmar e organizar a presença da nação a qual representam no mundo, acompanhar o desenvolvimento de sua economia, salvaguardar sua integridade, expandir as posições de seu idioma, preservar a identidade cultural e desenvolver formas de solidariedades que promovessem a união entre países. Estão intimamente relacionadas ao objetivo de penetração cultural, sendo um meio de dominação indireta, de educação das elites em acordo com sistemas de valores, de hábitos e de comportamentos compatíveis com os interesses das nações colonizadoras. No século XIX, as ações culturais poderiam dirigir-se para trabalhos evangelizadores e humanitários e, no presente, adquirem maior complexidade em termos de atuação.

Tais ações foram iniciadas pelos países ricos, no século XIX e incrementadas durante todo século seguinte. Durante o século XX, representados pelos Ministérios das Relações Exteriores e através das embaixadas, os Estados desencadearam políticas culturais sem inibir as ações privadas. Estas atividades poderiam caracterizar-se da seguinte forma: universitários desenvolviam ações visando à difusão da língua, a divulgação da produção intelectual e a propagação de imagens positivas dos países de origem.

Difundia-se, então, o patrimônio cultural. Pode-se dizer que se tratava de certa vanguarda, mantendo situação privilegiada frente a outros países, como mecanismo capaz de refrear ou conter processos de assimilação cultural em contexto de imigração estrangeira. Não seria de balde que Portugal propusesse políticas culturais destinadas ao que chamou de comunidade luso-brasileira ou lusitanização do Atlântico, pois, tratava-se de um período caracterizado por intensas correntes de imigração alemã, italiana, japonesa, chinesa e espanhola para o Brasil.

A Embaixada Universitária de Coimbra, como a interpretamos, adquiriu um papel de instrumento diplomático, fazendo uso da chamada ação cultural das embaixadas. Pressupomos, então, uma espécie de batalha em função da identidade

e da tradição. Pudera... Tratava-se de método largamente cultivado, durante o século XX, pelos países ricos e colonizadores.

O grupo de que estamos tratando era composto de professores e estudantes e foi recebido por autoridades civis, eclesiásticas, inclusive, pelo então presidente da república do Brasil, Getúlio Vargas. Os universitários, no relatório de Maximino Correia, aparecem sob a forma de exitoso grupo de teatro, apresentando-se nas cidades visitadas; mas, comparativamente, são poucos os detalhes a respeito da estadia desses discentes no Brasil. Boa parte do texto é dedicada a outras observações feitas pelo reitor “embaixador”. O critério fundamental adotado para o relato implica perceber a presença de Portugal no Brasil, mas também, observar as diferenças. Podemos então definir, metodologicamente, que, utilizando-se do *conceito de região*, o relator dividia o Brasil em dois grandes territórios: o da igualdade/identidade com Portugal e o da diferença. Pressupomos, ainda, que tal olhar estava profundamente marcado pela cultura histórica e política salazarista, portanto numa perspectiva avessa ao modernismo.

Tentaremos compreender a seleção das pressupostas diferenças, mas também, perceber questões políticas presentes na observação das assim consideradas expressões da ‘lusitanidade’ e, por fim, identificar esse olhar que nos parece matizado pela cultura histórica. Assim, vamos percorrer o relatório elaborado por Maximino Correia, seguindo sua organização, porém, selecionando informações.

1-A viagem para o Brasil no ‘Serpa Pinto’.

A viagem da Embaixada Universitária de Coimbra ao Brasil era, em 1951, uma proposição antiga que fora idealizada pelos componentes do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC). Postergada, várias vezes. No entanto, um convite da Tertúlia Acadêmica de São Paulo, de Santos, do Rio de Janeiro e de Fortaleza, tornou-a realidade. Essa dita Tertúlia Acadêmica¹³ era

¹³ Trata-se, a tertúlia, de uma reunião informal em que se discute algum tema. De acordo com o *Primer diccionario general etimológico de la lengua española*, tal termo se originou na Espanha no tempo de Felipe IV (1621-1650). Naquela época era costume ler e discutir as obras de Tertuliano, nome dado a Quinto Séptimo Florenso (160-245 d.C.). Esses encontros eram realizados em casas particulares, mas passaram a efetivar-se nos tabladros dos teatros. Afirma-se, também, que as tertúlias eram reuniões de seguidores dos ensinamentos religiosos de Montano da Frigia, um líder

composta por ex-estudantes da Universidade de Coimbra. A formulação do convite foi de iniciativa dos doutores Divaldo Gaspar de Freitas, Domingos Ramos Paiva, Ernesto Cabral, Hilário Veiga de Carvalho e Morivalde Matos, os responsáveis pela organização da excursão e pela parte financeira decorrente. O apelo foi dirigido à Embaixada Universitária de Coimbra, composta por membros do TEUC e sob a presidência do Reitor Maximino Correa e por um professor de cada faculdade.¹⁴ O papel de TEU nesta viagem nos parece, até certo ponto, negligenciado pelo relator...

Fundado em 1938, o grupo teatral constituiu-se, segundo Torgal, como primeiro órgão cultural acadêmico a aceitar a presença de mulheres entre seus componentes. Tornou-se conhecido pelo caráter oposicionista e combatente de seus membros. Vários deles sofreram perseguição dos aparelhos repressivos alinhados ao governo de Salazar. Na época aqui delineada, estava sob a direção do Dr. Paulo Quintela que, também, não se identificava com o regime salazarista.

O reitor, organizador e relator da viagem, Maximino Correia justificou suas dúvidas e a adesão à viagem ao Brasil, argumentando que sua presença como coordenador devia-se

à impossibilidade do TEUC ser acompanhado pelo seu diretor artístico, o professor Dr. Paulo Quintela, a cuja dedicação, esforço e competência se deve a ressurreição do teatro acadêmico em moldes de tal elevação que deveras tem dignificado a Academia e a Universidade de Coimbra.¹⁵

Mesmo assim, os jornais que acompanharam a estadia da Embaixada no Rio de Janeiro e em São Paulo faziam menção constante à presença de Paulo Quintela no Brasil.

A embaixada universitária de Coimbra fez a viagem ao Brasil utilizando o barco “Serpa Pinto”, da Companhia Colonial de Navegação, então presidida por Bernardino Correia. A partida deu-se no cais da rocha do conde de Óbidos. Às vésperas, houve ato de despedida a que compareceram autoridades e representantes do governo português tais como o Ministro da Educação Nacional, o Dr. Beleza dos Santos e, também, alguns brasileiros lá presentes.

considerado como herege. Ver. *Primier dicionário general de la lengua espanhola*. V. 5, parte 1. Madrid: Roque Barcia, 1883.

¹⁴ Como representantes dessas faculdades vieram ao Brasil: Eduardo Correia (Faculdade de Direito), Pereira Dias (Faculdade de Ciências), Lopes de Almeida (Faculdade de Letras) e Maximino Correia representando a reitoria e, também, a Faculdade de Medicina.

¹⁵

No dia 23 de agosto, avistaram o continente americano e a emoção tomou conta de todos. Lamentaram não ter seguido a rota de Pedro Álvares Cabral. Em Recife foram recebidos pelas autoridades brasileiras. Maximino Correia expressou com maestria o seu envolvimento com a cultura política da época salazarista devidamente informada pela história. Considerou que a viagem foi feita para ter a *“consciência da grandeza histórica de Portugal”*. Nesses termos, *“era preciso ter feito essas peregrinações pelo mundo, e sentir palpitar nos escaninhos mais recônditos da alma, o sacrifício, o heroísmo, a abnegação, a grandeza de ânimo dos nossos maiores. Conhecer o mundo português”*.

O relator dizia estar inspirado na figura do Dr. Luís Carrisso, um apaixonado pelo ultramar lusitano, personagem que se aventurara a exercer atividade científica na província de Angola, organizador da Missão Acadêmica que visitara aquele país africano, em 1929. Essas expedições *‘despertaram nos portugueses uma consciência imperial, alimentando o gosto pelo além-mar e maior consciência se toma da grandeza de Portugal’*.

2-A Embaixada Universitária de Coimbra em terra firme: Recife e Bahia.

Desde o porto de Recife, a Embaixada foi recebida por autoridades, amigos e antigos estudantes da Universidade de Coimbra tais como Boaventura Barreiros e Divaldo de Freitas,¹⁶ ambos formados pela Faculdade de Medicina. Tal recepção realizou-se no “Serpa Pinto”, quando subiram a bordo, o reitor da Universidade de Recife, Joaquim Amazonas e outros professores, para dar boas-vindas aos visitantes, que foram saudados pelo vice-reitor, professor Edgar Altino.

As horas passadas em Recife serviram para visitar a praia da Boa Viagem, caracterizada como *“imensa a perder de vista”*. Houveram cumprimentos ao governador do Estado com posterior degustação de água de coco, mas algo causou estranhamento a Maximino Correia. Seus olhos se deslocaram da visão idílica de Portugal no Brasil para a presença de outro componente cultural. Os edifícios fizeram-lhe lembrar das *“construções universitárias de Zurique”* ao visitar a Faculdade de Direito de Recife. Foi o primeiro estranhamento... Esboçava-se o território das diferenças.

¹⁶ O Dr. Divaldo é médico, mas, como não repetiu os exames no Brasil, está inibido de fazer clínica.

No salão nobre da mesma Faculdade de Direito, com professores revestidos de suas becas, foram dadas as boas-vindas à embaixada. Saudou-os, em primeiro lugar, o reitor Edgar Altino, professor de Medicina e de Direito que fez um *“magnífico discurso”* e, então, tudo lembrava Coimbra através da Universidade, pois na memória dos brasileiros, a Universidade era a urbe e vice-versa. Estes, não tinham recebido informações atualizadas sobre as propostas governamentais de ‘limpeza da cidade’ por meio de ações políticas que afastavam o convívio social, existente em outros tempos, nas proximidades da Universidade.

O diretor da embaixada lembrou, em seu discurso, que o pernambucano de nome Correia Picanço, fundador do ensino médico na Bahia, fora seu antecessor na Cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina de Coimbra. Ao visitar instalações do curso de Medicina Legal, disse ao professor Edgar Altino: *“Vimo-nos hoje pela primeira vez, mas parece-me que já nos conhecemos há muito tempo! Ao que o Colega responde: - Pois conhecemos; há mais de quatrocentos anos”*.

O reitor demonstrou surpresa frente ao fato de que alguns brasileiros quisessem preservar certas tradições, relatando que, ainda de manhã cedo, após o desembarque da embaixada, os professores *“envergaram os seus trajés acadêmicos”*. Observou certa *‘diferença’*, ou seja, a *‘diferença’* da tradição portuguesa no Brasil. Escreveu que os capelos usados se assemelham muito aos que se usam na Universidade de Coimbra, tendo maior simplicidade; e que são vestidos sobre as becas e não sobre a capa e a batina, como o são em Coimbra. Ressaltou, também, modificações nas cores convencionais, pois, aqui, a medicina usa a cor verde, talvez por influência de Montepillier, enquanto que em Coimbra essa era a cor da Faculdade de Cânones. Além do mais, os reitores usam capelo branco que, como é sabido, foi, em Coimbra, o atributo da Teologia. As diferenças foram anotadas e a visita prosseguiu.

Foram para Bahia, chegando lá em 25 de agosto. Os membros da embaixada jantaram no Serpa Pinto, recebendo a visita do reitor da Universidade do estado anfitrião, Edgar Santos, também, professor de Medicina. Acompanhado de outros docentes, o reitor baiano fez-lhes o convite para jantarem. Os visitantes já o haviam feito e, apesar disso, *“... acompanharam a recepção brasileira junto com outras pessoas e os alunos foram o YatClub, onde sem o mínimo inconveniente, jantaram pela segunda vez”*. Houve, então, uma surpresa... Maximiano Correia foi avisado de

que receberia o título de doutor *honoris causa* pela Universidade da Bahia. Diante da inesperada atitude, transferiu a glória para o corporativo. Registrou: *“compreendi que tal honra era uma homenagem à Universidade de Coimbra”*. Recife e Bahia foram, por assim dizer, portas de entradas às quais retornariam os visitantes quando de volta a Portugal, como veremos adiante.

Em 28 de agosto, avistaram a baía de Guanabara. Foram visitados, ainda no Serpa Pinto, pelo embaixador português no Brasil. Conforme o relato, uma multidão estava presente no desembarque dando vivas a Portugal e à Universidade de Coimbra. Presentes estavam: o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, Pedro Calmon, amigos e vários estudantes. Diante da aglomeração, o trânsito foi interrompido. Visitaram a Câmara dos Vereadores e foram saudados com discursos.

Os professores que compunham a embaixada hospedaram-se no Hotel Glória. A manhã seguinte, no Rio de Janeiro, *“amanheceu chuvosa e triste”*. Algo de exótico se apresentava: o reitor avistou uma ave de longa cauda e cores vivas e que apanhava, durante o voo, migalhas que alguém lhe atirava. Seu olhar, no entanto, estava à procura de elementos que comprovassem a presença de Portugal no Brasil. Caminhou sozinho na cidade, encontrando, finalmente, a estátua de Pedro Álvares Cabral. Adiante, avistou a capelinha da Nossa Senhora do Outeiro da Glória, fundada pelos portugueses. Da capela, em conjunto com o descobridor do Brasil, destacou uma imagem como que a formar um quadro, ‘retrato das semelhanças’. Para esse português, visitante do século XX, encravado que estava na cultura política do passado glorioso de Portugal, tudo isso representava singelo e emblemático monumento, *“síntese da nossa epopéia da dilatação da Fé e do Império”*.

Os outros dias passados no Rio de Janeiro foram preenchidos por visitas oficiais: encontro com o embaixador de Portugal, visita ao Presidente da República e etc. Getúlio e o embaixador fora convidado a participar da apresentação do TEUC no Teatro Municipal. O então presidente do Brasil concordou em comparecer e lá, o estavam esperando: o prefeito do Rio de Janeiro, o embaixador, Maximino Correia, a Senhora Vargas e o Ministro Neves da Fontoura. Fato insólito: Getúlio ficou até o final do espetáculo. Os estudantes desempenharam seu papel, segundo o relato, com maestria e com êxito notabilíssimo o que fez eco na imprensa embora não se

encontre nenhum registro a respeito da situação política de Portugal ou da condição de Salazar. Silêncio total... Mesmo assim, podemos dizer que Salazar estava presente no Brasil através do olhar de Maximino, dos seus discursos, dos seus textos e de suas escolhas.

A recepção foi calorosa por parte do prefeito municipal do Rio, o Engenheiro Carlos Vital e também, do Ministro da Educação e Saúde, Simões Filho, assim como do Ministro das Relações Exteriores, Neves da Fontoura; igualmente, no Senado e na Câmara dos Vereadores, as boas vindas foram entusiásticas.

Portugueses residentes no Brasil também se envolveram, cerrando fileiras de apoio à visita da embaixada. Os Gabinetes Portugueses de Leitura, a Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro (assim como em outros estados por onde passaram) causou-lhe admiração, tornando-se digna de nota pela atitude, patriotismo e ajuda ao próximo. No dia 29 de agosto, houve recepção no Gabinete Português de Leitura.¹⁷ O presidente da Federação das Associações Portuguesas, Albino de Sousa Cruz, estava em Portugal e a Embaixada foi, então, recebida pelos membros presentes; entre eles estava um grande amigo de Maximino chamado António Pedro.

Segundo Heloisa Paulo, desde a década de trinta, a Federação das Associações Portuguesas tivera um papel considerável em relação à divulgação do ideário salazarista no Brasil. Os membros da entidade organizaram manifestações favoráveis ao salazarismo dizendo-se representantes oficiais da colônia portuguesa nos grandes eventos patrocinados pelo Estado Novo em Portugal.¹⁸ Talvez, o presidente e consultor da Companhia Souza Cruz, Albino de Sousa Cruz estivesse em viagem a Portugal e a convite de Salazar, posto que exercesse a função de “*consultor*” e “*informador*” do governante português no que se refere aos assuntos relacionados com a colônia portuguesa no Brasil.¹⁹ A Sala do Gabinete Português de Leitura, evocou, para Maximino, lembranças da Biblioteca da

¹⁷ Nesta recepção do dia 29 estavam presentes: o Ministro Simões Filho, o Presidente da Câmara de Vereadores, o Reitor da Universidade de Coimbra, o Reitor da Universidade do Rio, o Dr. Pascoal Carlos Magno e o representante da Federação das Associações Portuguesas.

¹⁸ PAULO, Heloisa. Os “portugueses no Brasil”, o rosto da colônia portuguesa dos anos trinta, In: ____ *Aqui também é Portugal: A colônia portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Quarteto Editora: Coimbra, 2000, p, 196.

¹⁹ Idem, p 199-200.

Universidade de Coimbra, “*jóia joanina*”. Era a região das semelhanças sendo esboçada.

Visitaram a Reitoria da Universidade do Rio.²⁰ Maximino Correia entregou ao Magnífico Reitor uma medalha comemorativa ao IV Centenário de instalação definitiva da Universidade de Coimbra. Observou, entre outras coisas, que o edifício da Universidade Nacional do Rio de Janeiro, era uma “*adaptação feliz de uma construção do Império*”.

Na biblioteca, seus olhos se detiveram em algo destoante e, talvez, provocante... Outra parte do território das diferenças. Notou a abundância de livros ofertados, especialmente, obras de autores espanhóis.²¹ O detalhe o fez lembrar a figura de um inimigo não beligerante, mas que inspirava cautela, pois nos anos 50, salazarismo e franquismo se chocavam por suas posições extrapeninsulares: América e África. Portugal propôs uma visão ‘*lusista*’ total da realidade brasileira, sendo identificada como comunidade luso-brasileira. Espanha alimentava uma visão iberoamericanista que incluía o Brasil no projeto de ‘*Hispanidad*’. As relações tornaram-se mais tensas quando Portugal passou a defender o colonialismo em África e a Espanha, a assumir posições descolonizadoras. De certa forma, essas tensões romperam o jogo de identidades que estes países haviam construído após as ‘guerras mundiais’. Prevalencia em Portugal, a idéia de que o país sem as colônias africanas ficaria sob o jugo da Espanha.²²

Na visita ao Ministério da Educação e Saúde e das Relações Exteriores, o reitor relator observou que o prédio “*é uma mole imensa de cimento armado e vidro, de concepção arrojada e original, da autoria de Oscar Niemayer*”. Forma arquitetônica que lhe causou certa ansiedade porque os esforços no sentido de fazer prevalecer o estilo neocolonial - que se inspirava na época colonial brasileira proposto pelo português Ricardo Severo - diluía-se diante da ‘suntuosidade avassaladora’ do modernismo brasileiro. Modernismo que, entre tantos outros aspectos, inspirava certas críticas ao colonialismo português. Causou-lhe surpresa, ou até desconforto, o prédio ser decorado com afrescos de Portinari, mas

²⁰ Nesse encontro, estiveram sempre presentes o reitor Pedro Calmon, o Vice Deolindo Couto e o professor Serafim Neto, além de estudantes de vários cursos.

²¹ (61)

²² JÍMENEZ REDONDO, Juan Carlos. La relación política luso-española. In: TORRE GÓMEZ, Hipólito de La. *Portugal y España Contemporáneos*. Madrid: Marcial Pons, 2000, p.282

considerou que, embora de cunho inteiramente modernista, é bem ajustado à função que tem de desempenhar, servindo de exemplo a biblioteca do Ministério.

Portinari não lhe provocava boas lembranças, pois, em 1948, fizera uma releitura da primeira missa, contrapondo-se à representação desse evento elaborada por Victor Meirelles. Como diz Jorge Coli, o projeto de Meirelles “baseava-se na fusão fundadora entre europeus e indígenas, Portinari, em sua obra, rejeitou essa integração, eliminando os índios de sua obra e mostrando uma cerimônia só de europeus”.²³ Podemos dizer que o quadro de Meirelles criava uma região de diversidade enquanto Portinari negava a diferença.

Maximino observou que, no sétimo ou oitavo andar do edifício do Ministério da Educação, existe um jardim com esculturas, também, em estilo moderno, embora de determinado encanto.²⁴ Diante da grandiosidade arquitetônica e, também, da diluição da semelhança lusa, seu olhar volta-se para uma capelinha que diz ser, “bem portuguesa, dedicada a Santa Luzia”. No Ministério das Relações Exteriores observou que “seu recheio é precioso, havia mobília oferecida ao rei D. João VI, retratos deste monarca, de D. Miguel, do Imperador”.

As visitas continuaram. Foram recebidos na Academia Brasileira de Letras por Aloísio de Castro,²⁵ Pedro Calmon, Viana Moog, Afonso Pena Junior e outros acadêmicos. Compareceu, também, Oswaldo Orico, figura assaz conhecida dos portugueses visitantes. Fizeram-se novos discursos. A embaixada participou de uma cerimônia de recepção, oferecida pelo embaixador português António Faria e sua esposa, no Copacabana *Palace*. Ali, encontravam-se autoridades brasileiras e também, pessoas de certo prestígio no âmbito da colônia portuguesa sediada no Rio de Janeiro.

No dia 31 de agosto, visitaram a Beneficência Portuguesa, destacando-se o papel desempenhado pelos membros da mencionada colônia no que concerne ao desenvolvimento do estado do Rio. Quando chegou ao jardim, o reitor observou uma estátua de Afonso Henriques, réplica da de Soares dos Reis de Guimarães, que lhe fez lembrar o seguinte: “estamos em Portugal”²⁶ e, mais adiante, uma capela votiva dedicada a São João de Deus, santo português. Havia, ainda, um vitral

²³ Jorge Coli, Primeira Missa e invenção da descoberta, In: Aduato Novaes, *A descoberta do homem e do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), 116.

²⁴ (62)

²⁵ Presidente da Academia, na época.

²⁶ (66)

representando a Rainha Santa Isabel, quadros com retratos de D. Pedro V, fotografias de D. Manuel e um busto de D. Carlos.

Maximino parece não ter duvidado a respeito da afirmação de que em locais criados pela colônia portuguesa no Brasil ficava evidente o culto por tudo quanto é português e respeitável. ²⁷Tudo de acordo com a cartilha de usos do passado, tecida por intelectuais ligados ao governo de António de Oliveira Salazar, seja nas universidades, seja na Academia Portuguesa de História, na imprensa, ou nas instituições militares e eclesiásticas, seja pelas embaixadas, pelas editoras, ou no âmbito dos acordos culturais e do cinema. A fórmula desses usos resultava na criação de certos espaços que temos classificado como territórios das semelhanças e das diferenças. O reitor da Universidade de Coimbra identificava-os e transportava-os para o texto, enquanto visitava os lugares e as regiões do Brasil.

Dia 1º de setembro deslocaram-se até o Corcovado, à Quinta da Boa Vista, o Clube Ginástico Português e, à noite, foram a um baile na sede no Clube Vasco da Gama. Dia 02 de setembro, à Copacabana. Havia pouca gente na praia e com indumentária reduzida, mas adequada ao calor e ao banho. As pessoas entravam com *'roupas reduzidas'* em lojas, nos restaurantes e nos hotéis, e senhoras e usando um casaco que não ultrapassava a cintura, escreveu o reitor; mas quem repara ou estranha tal coisa? Terras de diferenças não significantes. Seguiram o percurso.

Visitaram o *Joquey Club*, onde se reúne a sociedade elegante do Rio de Janeiro. A encosta do morro está coalhada de favelas, em contraste com o fausto e com a opulência. Deslocaram-se até Niterói, havendo recepção na Beneficência Portuguesa e no Palácio da Assembleia Legislativa. Almoço, na casa do português de Trás-dos-Montes Manuel Gonçalves. Visitaram o Instituto Anatômico Benjamim Baptista. Não deixaram de entrar na vivenda do Senhor Manuel Gonçalves, dita “Nova Sagres”. No seu olhar instrumentalizado para ver a presença de Portugal no Brasil ou, mais ainda, saber o quanto o Brasil era português, percebeu que “*no desenho da casa há influência americana e também espanhola e a esposa do senhor Manuel Gonçalves é espanhola e ‘não abdicou em influir na traça da sua habitação.*”.(77) No entanto, algo que lhe encantou “ *nota-se com prazer que o motivo fundamental dos ornatos é a Cruz de Cristo*”.⁷⁷

²⁷ (66).

O TEUC fez a representação do *Auto da Mofina Mendes* e, conforme o relator, eles se apresentaram muito bem. No dia 5 de setembro, houve visita à Universidade Católica do Rio de Janeiro, à casa Rui Barbosa, almoço oferecido pelos estudantes brasileiros aos estudantes e professores portugueses e conferência do reitor Maximino Correia no Palácio do Itamaraty. No dia 7 de setembro, assistiram ao desfile, observando que:

a parada foi brilhante, havendo pormenores, na verdade curiosos, como o desfile das bandeiras, em que soldados, com os fardamentos de outras épocas, arvoraram a bandeira da época respectiva, vendo-se representadas, desde a bandeira das quinas, manuelina, as sucessivas bandeiras de D. João III, Restauração, do Império, do Brasil independente e monárquico e finalmente a bandeira da república brasileira.

A Embaixada da Universidade de Coimbra foi convidada para assistir o Presidente Getúlio Vargas discursando. O ‘olhar’ de Maximino fixou-se no edifício em que funcionava o Ministério da Educação e Saúde registrando ser um: *“arranha céu de concepção modernista e que o arquiteto Niemayer, que o concebeu, de grande e justa reputação, fez obra que funcionalmente é excelente.”* Não deixou de observar que as decorações, especialmente as pinturas de Portinari, são mais modernistas ainda. Algumas *“incompreensíveis”*, para a sensibilidade e concepção de Maximino. Na sua avaliação, *“mais razoáveis são as decorações escultóricas que embora à margem das representações plásticas clássicas, não chocam, nem mesmo pelo realismo”*. (85) Maximino, como um homem informado no interior da cultura histórica salazarista, expressava opinião contrária ao modernismo. Em Portugal, segundo Rosmaninho, o antimodernismo ocupou um período que vai dos anos 10 aos 60 do século XX.

Portugal conviveu com o modernismo até serem ameaçados pela degeneração rática e pela destruição dos fundamentos nacionais portugueses. E, assim, atacaram a expressão estética modernista em nome da beleza, da moral, da nação, da raça, da civilização ocidental e do cristianismo²⁸.

As peças apresentadas pelo grupo do TEUC no Rio podem ser consideradas, em certo sentido, como partes desse movimento. Foram escritas por Gil Vicente e podiam ser tomadas como clássicos do ideal ocidental e dos valores cristão. Apresentou-se a peça o *Auto da Alma* para estudantes brasileiros da Universidade

²⁸ ROSMANINHO, Nuno. Diabolização da arte moderna. O Estado novo de Salazar e a intolerância artística. In CARNEIRO & CROCI. Orgs. *Tempos de Fascismos. Ideologia, Intolerância, Imaginários*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010, p 143.

de Coimbra e, ainda, o *Auto da Barca*, no Teatro Municipal. A *Farsa de Inês Pereira*, nos Jardins Guanabara. Exceto alguns jornais pouco expressivos à época, a imprensa do Rio de Janeiro foi unânime em louvar as apresentações teatrais. Os professores Dr. Pereira Dias e Dr. Lopes de Almeida, Dr. Eduardo Correia realizaram conferências. No dia 8 de setembro, todos estavam no aeródromo Santos Dumont, prontos a decolar para São Paulo.

3-A Embaixada em São Paulo.

Logo que chegou ao aeroporto de Congonhas, de pronto, a Embaixada recebeu um programa, estabelecendo o roteiro de visitas e das atividades a serem realizadas na cidade. Os anfitriões pareciam ter canalizado o olhar de Maximino para a organização racional e moderna do modo de ser em “terras de bandeirantes”.

Na recepção estavam várias autoridades, entre elas, o Reitor da Universidade de São Paulo, professor Ernesto Leme e o prefeito municipal. Muitos discursos foram feitos em meio a manifestações de encantamento a respeito do papel desempenhado pela Universidade de Coimbra.

Hospedados no Hotel Esplanada, o olho de Maximino avistou o monumento a Carlos Gomes, presente de Mussolini, conforme informação que ele obteve. Deparou-se com rastros de afinidades, pois seu herói, António de Oliveira Salazar tinha em seu escritório um retrato autografado pelo líder italiano do fascismo. Fez um comentário realçando o Viaduto do Chá, onde se destacam dois grandes edifícios da *Light and Power* e do Industrial Matarazzo, “coberto de mármore vindos expressamente da Itália”. Faltava, todavia, encontrar Portugal em São Paulo, até então, um território da diferença; mas uma surpresa estava preparada.

Jantaram em uma chácara com o nome de *Anelhe*, o que causou surpresa ao Reitor Maximino Correia, visto que em Vila Real existe uma quinta com o mesmo nome. O visitante, porém, expressou não perceber a relação existente entre uma aldeia transmontana e uma chácara nos arredores de São Paulo. Somente esclareceu o ponto quando lá chegou, encontrando seu amigo Abílio Brenha da Fontoura e sua esposa. Então exclamou: “*nos encontramos com gente tão próxima*”

de nós, pelo coração, pelos hábitos, pela origem e por tudo mais...". É como se os laços de amizade transformassem aqueles territórios semelhantes apenas divididos aos nomes em comum, em regiões conhecidas. As causas da modificação seriam a posse e a presença. A 'terra bandeirante', contudo, ainda parecia-lhe uma região da diferença.

Dia 09 de setembro novas visitas. Todas, talvez para evidenciar o lado moderno de São Paulo que, segundo Maximino, abraçava a ciência e a tecnologia e, sendo cidade de crescimento vertiginoso, enfrentava problemas todos os dias. Os membros da comitiva visitaram o Instituto Vital Brasil, mais conhecido com o Instituto Butantã. A descoberta das coisas portuguesas em São Paulo teve resultados positivos ali mesmo.

Afirmou existir, neste local, uma excelente biblioteca onde teve o gosto de ver *"bem encadernada e arrumada a coleção da Folia Anatômica Universitatis Conimbrigensis"*. O Instituto era coordenado pelo professor Renato Lonchi, de origem italiana, tendo como predecessor o Alfonso Bovero, que 'cultuava' as coisas portuguesas. Confirmou o que Maximino sempre diz aos alunos: que se deve conhecer em pesquisa a bibliografia existente, e, principalmente a portuguesa. Maximino Correia ministrou uma aula no Instituto, mostrando trabalhos desenvolvidos na Universidade de Coimbra. Conheceram o Instituto de Pesquisas Técnicas (IPT), o departamento de Física Nuclear, no qual trabalhava 'gente nova', mas para surpresa sua *"especializada nos EUA"*. Visitou a Biblioteca Municipal. Foram recebidos na Faculdade de Filosofia e Letras e se avistaram com o português Fidelino de Figueiredo.

Na prefeitura, os visitantes foram recebidos pela autoridade máxima do lugar, o engenheiro Armando de Arruda Pereira que lhe entregou a chave da cidade. Também, foi dado o nome de *"Portugal"* a uma importante praça paulistana, localizada no ponto onde começa a Avenida Brasil. Nesse mesmo dia, Maximino Correia foi notificado de que receberia o título de Dr. *Honoris causa* pela Universidade de São Paulo, dia 11 de setembro. A cerimônia ocorreu no Salão Nobre da Faculdade de Direito e Maximino foi saudado pelo professor Soares de Melo.²⁹ Este destacou que Maximino José de Moraes Correia é *"Português de lei, velho roble da nacionalidade, cuidastes, de forma apostolar, do patrimônio*

²⁹ Professor da Faculdade de Direito.

ultramarino, convencido de que inestimável parte da grandeza de Portugal ainda hoje reside no seu Império de Além Mar".¹¹⁹ O professor finalizou dizendo: "São Paulo, o Brasil, não deixou nunca de agradecer à Misericórdia Divina ter sido descoberto, colonizado e civilizado pelo gênio lusitano" (119). Foi onde o reitor visitante ouviu as melhores e significativas palavras que o vinculavam à notoriedade portuguesa. Para Maximino o título significou, acima de tudo, uma homenagem à sua universidade.

Almoçaram com o governador do Estado de São Paulo, Lucas Garcez, no palácio do governo e no dia 9, domingo pela manhã, assistiram missa na Igreja de Santo Antônio. O reitor relator falava, agora, em terras de semelhanças: pelo santo e pela fachada do prédio, que lhe parecia genuinamente portuguesa, embora a presença da Itália ali lhe chamasse a atenção. Escreveu que "o interior, com seus mármores e imagens, mas se inclina para o gosto italiano". (123)

Os esforços despendidos para evocar Portugal e deleitar Maximino, a julgar pelo relato, não foram poucos. Assim, no mesmo dia, os visitantes foram recebidos no Jockey Club de São Paulo e saudados pelo vice-presidente Dr. Clemente que proferiu um longo discurso de boas vindas. Foram convidados a assistir a um concerto oferecido pela Orquestra Universitária de São Paulo que, para alegria de todos, executou o Hino Acadêmico de Coimbra. O evento foi muito elogiado pelo reitor relator.

No Museu do Ipiranga, logo no átrio, se vê um retrato de D. João III de um dos lados e do outro, o de Martim Afonso de Sousa, escreveu Maximino.¹³⁰ Foram recebidos no Clube Português com muitos discursos e banquete. Recitou-se a poesia intitulada como *Carta à Coimbra Doutora*. Era 15 de setembro e Guilherme de Almeida brindou-os com poema dedicado aos acadêmicos de Coimbra.

Foram muitos, ainda, os lugres de recepção: em casas particulares, em agremiações públicas, em instituições diversas, como foi o caso de Antonio Ermírio de Moraes, intelectual lusófilo que *concedeu autorização* à sua filha Maria Helena para que apadrinhasse o TEUC. Ela o fez outorgando-lhes lembrança de visita e oferecendo, aos membros da comitiva, jantar no bairro América, em sua *'belíssima residência'*. (138) O professor Ernesto de Sousa Campos publicou um artigo na imprensa local, destacando a presença da Universidade de Coimbra na formação das elites de São Paulo.

No dia 13 de setembro, almoçaram na casa do Dr. Divaldo de Freitas, exemplo de expressão de 'lusitanidade'. O que se viu nessa residência era profusão de cerâmicas, estampas, livros, tudo alusivo a Portugal, ou então, de Portugal proveniente. (141) Surpreendeu-se o reitor, mais ainda, ao defrontar-se com as publicações essenciais da Universidade de Coimbra.

Ao almoço, em *ambiente castiçamente lusitano*, foi-lhes servido um vatapá. Pode-se dizer que este evento configura-se como certa apoteose, pois São Paulo prenuncia a região em que se conjugam as diferenças e as semelhanças. Ainda visitaram o cardeal Mota e, à tarde, foram à residência de Divaldo de Freitas. '*Casa pequena e imensa*', no texto de Maximino "*tem dentro Coimbra e Portugal inteiro, nos livros, nas recordações de toda ordem, azulejos, estampas, dísticos, etc.*" (143) Dia 14 de setembro, visitaram o Laboratório Clímax onde trabalha Dr. Divaldo, primeiro elemento propulsor da Embaixada Universitária de Coimbra que foi considerado como o *arqueiro mor*

Dia 29 de setembro, deslocam-se para Santos. O percurso lhe fez lembrar a "*evocadora epopéia portuguesa da formação do Brasil*". (178) Procurou conhecer e visitar a praia de São Vicente, onde desembarcou Martim Afonso de Sousa, no ano de 1532. Encontrou um monumento simples que tem a forma do padrão dos descobrimentos, medindo cerca de 10 a 12 metros de altura. Foi concebido e desenhado pelo arquiteto português Ricardo Severo. Partiram para Belo Horizonte. Lá chegando, ressaltou que o modernismo da cidade, naturalmente, não se comprazia no restauro e veneração da velha capela do Curral de El Rei como se compraz no traçado geométrico das suas avenidas, apesar do imenso espaço, se levantam para as nuvens os monstruosos e inestéticos, mas utilitários, arranha-céus.

Podemos, então, dizer que na região constituída por Maximino Correia externava-se o combate ao modernismo, um dos aspectos básicos da cultura histórica salazarista. Dizemos isso, também, com base no fato de que em 1939, Arnaldo Rossano Garcia³⁰ fizera uma série de conferências propagando a tese de que o modernismo caracterizava-se como corrente internacionalista, sem ideal, sem Deus e sem moral. Afirmava que a tendência estética em apreço representava parte da ofensiva comunista contra a espiritualidade. Além disso, a revista *A*

³⁰ Presidente da Sociedade Internacional de Belas Artes.

Arquitetura Portuguesa, nessa mesma época, tornou-se espaço aberto a textos contendo argumentos no sentido de que “*a arquitetura moderna, mas do que feia e estrangeira, seria propriamente anti-portuguesa (sic.)*”. Raul Lino ofereceu seu livro intitulado como *Casas Portuguesas a Salazar*, felicitando-o pelo “*repúdio inflexível de estrangeirismos perniciosos e, em uma entrevista, advogava que era necessário opor à invasão do estilo mecânico, uniforme e rebaixador do sentimento nacional*”. Fernando Pamplona publicou, em 1944, o livro *Rumos da Arte Portuguesa* no qual reiterava a necessidade absoluta de que a arte tivesse cunho nacional. Via no modernismo uma forma de ataque ao espírito português, à sua identidade, ofensa que enfraquece e decompõe o organismo nacional.

O antimodernismo adquiriu novos contornos nos anos 50 e 60. Agostinho Veloso travou guerra atacando o caráter antirreligioso da arte moderna, pois, segundo o autor, o satanismo impregnava tal corrente estética.³¹ Segundo Rosmaninho, o modernismo é visado por razões estéticas e, sobretudo, por ser internacionalista, quer dizer, uma arte sem pátria e, portanto, politicamente subversiva.

No que concerne à arquitetura, o olhar de Maximino espantou-se com a possibilidade de um processo de (dês) identificação nacionalista, pois a política artística praticada no âmbito do Estado Novo Português no domínio das obras públicas deu ênfase ao classicismo monumental, ao revivalismo etnográfico da “*casa portuguesa*”, à pintura de História, à pintura de gênero, aos nus clássicos e às estátuas dos heróis da Pátria. Estes aspectos pareceram-lhe parcos na capital mineira, como pressupomos.

Então, considerando que não tinha mais o que fazer em Belo Horizonte, Maximino Correia, retornou ao Rio de Janeiro. Ali chegando, aproveitou para ir ao Pão de Açúcar, ao Clube de Regatas Vasco da Gama, ao Instituto Oswaldo Cruz, ao Museu Imperial, a Petrópolis e a outros lugares.³²Do Rio de Janeiro seguiram para Bahia, Maceió e Recife.

4-A Embaixada da Universidade de Coimbra na Bahia.

³¹ ROSMANINHO, p, 151-158

³² A universidade estava envolvida com a eleição de reitor, sendo reeleito Pedro Calmon.

Foram recebidos, no aeroporto, pela esposa do Magnífico Reitor, por Edgar Santos, pelo Cônsul de Portugal, Dr. Bugalho, pelo Comendador Costa Magalhães e por vários outros membros da colônia portuguesa. Visitaram o prefeito Oswaldo Gordilho e o presidente da câmara de vereadores.

A comitiva foi hospedada no Grande Hotel. Portugal veio à mente do reitor relator por meio das imagens que via. A fisionomia de Salvador lhe fez lembrar Coimbra: *“relevo acidentado, existência de monumentos invocadores do passado, ar intelectual e tradicional desde os seus jornais até as conversas das pessoas. Como em Coimbra se respira uma atmosfera cultural mais sensível”*.

Registrou que esta cidade é a que conserva mais vivos e palpitantes numerosos vestígios do gênio universalista de Portugal, por isso, deveria ser mais acarinhada pelos Portugueses. Entretanto, defrontou-se com a presença da Espanha naquele território e, agora, efetivamente, ou seja, não apenas por intermédio de símbolos ou de construções evocando a terra espanhola. Diz existir na Bahia atuação concreta da Espanha e desempenho superior ao de Portugal. Escreveu, diante disso, que *“... a colônia espanhola da Bahia é maior que a colônia portuguesa. A Espanha, na Bahia, tem meios de ação e de propaganda muito superiores aos portugueses”*. Em abono disso, à noite, a sessão solene de recepção à embaixada foi presidida pelo cônsul da Espanha e tudo ocorreu no Centro Espanhol que tem *‘instalação luxuosa’*. *“Era uma festa Isabelina e oradores, quase todos brasileiros, teceram grandes elogios à ação da Espanha”*. (218)

O reitor se declarou impaciente com a grande quantidade de discursos e, então, o cônsul espanhol ofereceu-lhe a palavra que foi aproveitada para expressar que: *“tinha admiração pela Espanha, pelo que lhe deve o mundo e, especialmente, a América, mas sem se esquecer o que deve o mundo e também a América a Portugal, que, com a Espanha, dividiram a Terra em duas partes, pelo Tratado de Tordesilhas”*. (219)

Duelo de sujeitos ideologicamente afinados com o passado glorioso das conquistas ibéricas. Nesses discursos, *hispanid* e *lusitanidade* definem regiões, marcam presença e sob o simulacro da cortesia, postulam afastar, mostrar ou propor o iberismo imperialista.

No dia seguinte visitaram *‘algumas preciosidades que a cidade conserva’*: a catedral, o convento de São Francisco cujos azulejos são preciosíssimos e inspiram-

se nos desenhos do flamengo Otto Veen. Um português copiou os desenhos que compõem o *Theatro Moral de la Vida Humana y de toda a Filosofia de los Antiguos y Modernos*. Interpretação de Veen dos poemas de Horácio Flacco. Diante da dúvida decorrente da questão de haver ou não a participação de um português na composição dos azulejos, Maximino Correia, valeu-se das palavras de Silvaníso Pinheiro que destacou:

O confronto das lâminas com os painéis servirá para mostrar o valor dos dois artistas: o flamengo, mergulhado nos versos imortais, recolhendo e gravando as sutilezas do pensamento do grande poeta. O português, copiando, mas inegavelmente, imprimindo maior realce e imortalizando os desenhos que lhe serviam de modelo (220).

Quem seria o autor dos azulejos, não se sabe até a presente data, mas a Igreja deste convento ostenta uma imagem de São Pedro de Alcântara, de autoria do baiano Manuel Inácio da Costa. O entalhe das pedras da Igreja da Senhora da Conceição da Praia se fez em Lisboa, pedra por pedra, transportadas nas naus. Assim, assombra o mundo a extraordinária capacidade de realização de expansão do povo português.

Visitaram a Igreja do Bonfim, maior devoção do povo baiano e pela sua feição lusitana e ingenuidade, a sala dos milagres prendeu a atenção do reitor. Visitou-se o Palácio do Governo, no largo da Sé e avistou-se o busto do primeiro bispo do Brasil, Pedro Fernandes Sardinha. Os visitantes encontraram-se com o reitor Edgar Santos, da universidade da Bahia, apesar deste estar doente. Durante as três noites que passaram em Salvador, as ruas não foram iluminadas, somente pela lua, o que lhe fez lembrar Coimbra. O TEUC deu um espetáculo e Maximino Correia não o assistiu por estar fatigado. No dia 14 de setembro, não saiu do hotel pela manhã. À tarde, deu uma volta pela barra e avistou um forte português na praia. Era o lugar em que desembarcou Tomé de Sousa. No forte, como em outras construções, existem lápides que assinalam as invasões holandesas, "*recontros travados*". Observou que os feitos portugueses não se encontram devidamente registrados. (223) Os estudantes visitaram o Fórum Rui Barbosa "*varão que tanto prestigiou o Brasil e a língua portuguesa*". Na noite de 14 de setembro, houve a solenidade de doutoramento *honoris causa*. E, por fim, observou que "*não dúvida que o elemento africano, tanto quanto pude avaliar, é aqui de maior densidade do que nas outras terras que me foi dado a conhecer*".

Em Maceió, tudo foi preparado pela Assembleia Legislativa. Depois de algumas cerimônias e visitas, retornaram à Recife onde permaneceram por três dias e depois que Maximino recebeu o título de Dr. *Honoris causa*, iniciou-se a viagem de regresso a Portugal.

Podemos considerar, em forma de conclusão, que a demanda política fundamental subjacente à visita da Embaixada da Universidade de Coimbra ao Brasil está relacionada com as dificuldades enfrentadas pelo governo português no que se refere às críticas ao colonialismo; problemas tais como o reconhecimento político e econômico almejado pelos portugueses em termos da política europeia contemporânea a Maximino. À época, o Brasil, deveria representar, para Portugal uma evidência simbólica do pendor administrativo luso, imagem afetada negativamente, inferida de aproximações, observáveis, entre Brasil e os EUA. Os norte-americanos faziam sérias críticas ao colonialismo português na África.

Pressupomos a conveniência portuguesa no sentido de que o Brasil fosse aliado nas questões de ordem internacional e, para isso, criavam-se instrumentos que garantissem a fidelidade brasileira. O auge de tal política, talvez, tenha sido a assinatura do *Tratado de Amizade e Consulta*, no ano de 1953.

Sabemos que, em abono desta tese, houve épocas em que portugueses apregoavam a necessidade de que os portugueses conhecessem o Brasil para reconhecer a grandiosidade de Portugal. Desse modo, os lusitanos apareceriam como artífices de uma nação grandiosa por sua história. Seguindo tal linha de argumentação, o Brasil não existiria não houvesse Portugal. Portugal do passado glorioso, das grandes navegações, dos descobrimentos, civilizador e formador de nacionalidades.

Era assim que, neste período e em certos escritos, Portugal se dava a conhecer no Brasil e no mundo. Esse jogo entre Portugal descobridor e o Brasil que se projetou à sua sombra foi objeto de políticas culturais com o objetivo de diminuir tensões que pudessem obnubilar a presença de Portugal no Brasil. Portugal, ao que parece, soube tirar proveito de sua posição de criador de nacionalidades em defesa de suas pretensões coloniais.

Segundo Jerry Dávilla, durante a década de 50, a pressão étnica e diplomática portuguesa resultou em uma sucessão de ações governamentais em função do alinhamento entre o Brasil a Portugal. Vargas e Salazar negociaram o

Tratado de Amizade e Consulta de 1953, pelo qual, os dois países, concordavam em se consultar sobre questões internacionais. Por esse tratado, Portugal estendia privilégios econômicos e políticos aos imigrantes portugueses no Brasil, reduzia barreiras para o diminuto comércio entre os dois países e, excluía a possibilidade de conexões entre o Brasil e suas colônias.³³ Entende-se que essa relação Brasil/Portugal, não se colocava como uma imposição, mas que havia, por parte do Brasil, um entendimento, segundo o Ministro das Relações Exteriores João Neves Fontoura,³⁴ de que *“a política com Portugal não chega a ser uma política. É um ato de família. Vivemos com eles, na intimidade do sangue e dos entendimentos.”*³⁵

No início da década de 1950, o Brasil e Portugal viviam, diplomaticamente, uma relação amistosa. O embaixador Álvaro Lins, ao comentar a assinatura do Tratado de Amizade, recorreu às palavras de Salazar que em discurso afirmou que

As duas margens atlânticas haviam levado por demais longe aquela separação de países independentes operada em 1822; e que, afinal, o “instrumento político” do Tratado de amizade e Consulta vinha oferecer-nos a possibilidade, neste particular, de refazermos e corrigirmos a História em benefício comum da sua comunidade luso-brasileira³⁶.

A viagem da Embaixada de Coimbra alinha-se, em sentido amplo, à tal política de reconstituição e ajuste da história. Por meio da escritura, ou seja, do relato, o coordenador da viagem evidenciava que a separação (demarcada pelas diferenças) é fato, mas a unidade (definida pelas semelhanças) é inerente.

Logo na chegada ao Brasil, os edifícios da Faculdade de Direito de Recife fizeram lembrar ao reitor relator as *“construções universitárias de Zurique”*. Esboçava-se o território das diferenças, também notada nos trajes acadêmicos que os brasileiros usavam, diversamente da tradição coimbrese. Mas não fizera, ainda, referência contrária ao modernismo.

No Rio de Janeiro, as semelhanças foram destacadas. A estátua de Pedro Álvares Cabral, a capelinha da Nossa Senhora do Outeiro da Glória. Em conjunto, uma imagem como que a formar um ‘quadro das semelhanças’. Para o reitor, encravado que estava na cultura política do passado glorioso de Portugal, vários lugares e aspectos representavam a *“síntese da nossa epopéia da dilatação da Fé e*

³³ DÁVILA, Jerry. *Hotel trópico. O Brasil e o desafio da descolonização africana. 1950-1980*. São Paulo: Paz e Terra, p. 40.

³⁴ Foi o principal negociador do Tratado de Amizade e Consulta

³⁵ FONTOURA, João Neves. Apud DÁVILLA, J. p. 40.

³⁶ LINS, Álvaro. *Missão em Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960, p.399-400.

do Império". A Sala do Gabinete Português de Leitura, evocou lembranças da Biblioteca da Universidade de Coimbra, o edifício da Universidade Nacional do Rio de Janeiro, uma "*adaptação feliz de uma construção do Império*". Tudo o que é semelhante, para o reitor, tem um toque clássico.

Assim, causou-lhe estranhamento, ou até desconforto, o fato de que as dependências do Ministério da Educação e Saúde e das Relações Exteriores serem decoradas com afrescos de Portinari, um artista moderno. Restou destacar que, ali se encontravam certas semelhanças com as tradições: mobília, retratos de D. João VI, de D. Miguel, do Imperador. No jardim da Beneficência Portuguesa, a estátua de Afonso Henriques, réplica da de Soares dos Reis de Guimarães. A capela votiva dedicada a São João de Deus, um vitral representando a Rainha Santa Isabel, quadros com retratos de D. Pedro V, fotografias de D. Manuel e um busto de D. Carlos. Em dado momento, o reitor anota "*estamos em Portugal*"; mas era outro território, podemos dizer, pois a respeito de Copacabana, assinalou que as pessoas entravam com roupas reduzidas em lojas, nos restaurantes e nos hotéis.

Em São Paulo, nos primeiros lugares visitados, faltava 'reconhecer Portugal'. Tudo era por demais moderno: um território da diferença; uma surpresa, no entanto, advinha. Trata-se da biblioteca do Instituto Butantã onde encontrou a coleção da "*Folia Anatômica Universitatis Conimbrigensis*". Missa na Igreja de Santo Antônio, santo português, fachada do prédio genuinamente portuguesa. Destaque para as semelhanças, embora a presença da Itália em São Paulo lhe chamasse a atenção. Como vimos até aqui, em quase todos os ambientes o reitor nota e anota o contraste entre o passado histórico e o gosto moderno.

O ápice do contraste se dá no almoço: em ambiente castiçamente lusitano, lhes foi servido um *vatapá*. Esse evento ocorrido em São Paulo como que prenunciava a região em que, no relato de Maximino, melhor se conjugam as diferenças e as semelhanças. Depois de passar por Santos, Belo Horizonte, Pernambuco e Maceió, retorna à Bahia.

A 'fisionomia' de Salvador lhe fez lembrar Coimbra. Relevo acidentado, monumentos invocadores do passado, atmosfera de intelectualidade e tradicional. Além disso, a presença de "*elemento africano*" é mais notória que em qualquer região do Brasil. Ao mesmo tempo, a colônia espanhola da Bahia é maior que a portuguesa. O reitor registrou que esta cidade é a que conserva mais vivos e

palpitantes numerosos vestígios do gênio universalista de Portugal. Podemos inferir que o reitor selecionou um ponto de ancoragem numa região que denotasse aspectos da chamada epopeia portuguesa: África, Espanha, Brasil. Relato elaborado no contraponto dos aspectos modernos enfatizados, cerca de meio século depois pelos organizadores do Ano Brasil-Portugal.

Para o reitor, então, o que une Brasil e Portugal não é, exatamente, a existência de semelhanças e de tradições guardadas em comum e sim a capacidade inerente de sintetizar as diferenças em espaço ou território comum. É a história que une as duas nações no mesmo universo.